



Linhas Invisíveis



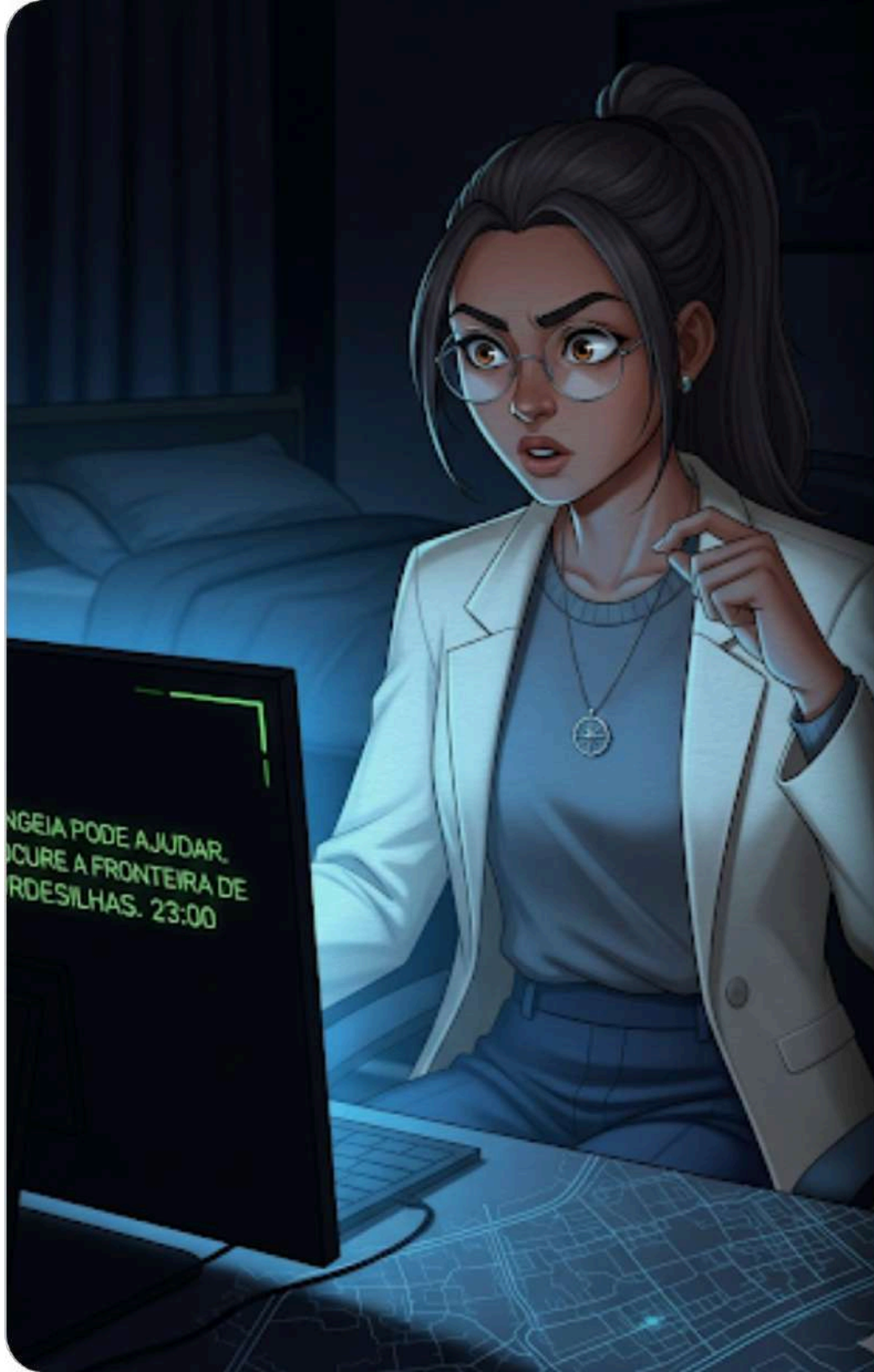
Luna, Elias e Marina se sentaram na mesa do "Comitê de Descolonização" na simulação das Nações Unidas. O tema: Conflitos Territoriais e a Organização Político-Administrativa do Brasil. Luna abriu sua pasta. "Um mapa," ela disse, "é a primeira arma em qualquer disputa. O Brasil é um mosaico de linhas que só existem no papel."





O primeiro caso era real e complexo: uma disputa fundiária no sul do Pará, envolvendo uma fronteira colonial de 1750 e a resistência de uma comunidade originária que ali vivia há séculos. Marina suspirou. "Tudo se resume a quem traçou a primeira linha e quem ignorou essa linha para criar a organização territorial de hoje."





A pesquisa oficial esbarrou em mapas digitais bloqueados e documentos criptografados. As fronteiras do Brasil pareciam sumir na neblina do tempo. Elias cochichou: "Precisamos de mais do que o Google Maps. Precisamos de alguém que saiba como ler as entrelinhas da rede." Naquela noite, uma mensagem anônima apareceu na tela de Luna: "Pangeia pode ajudar. Procure a Fronteira de Tordesilhas. 23:00."





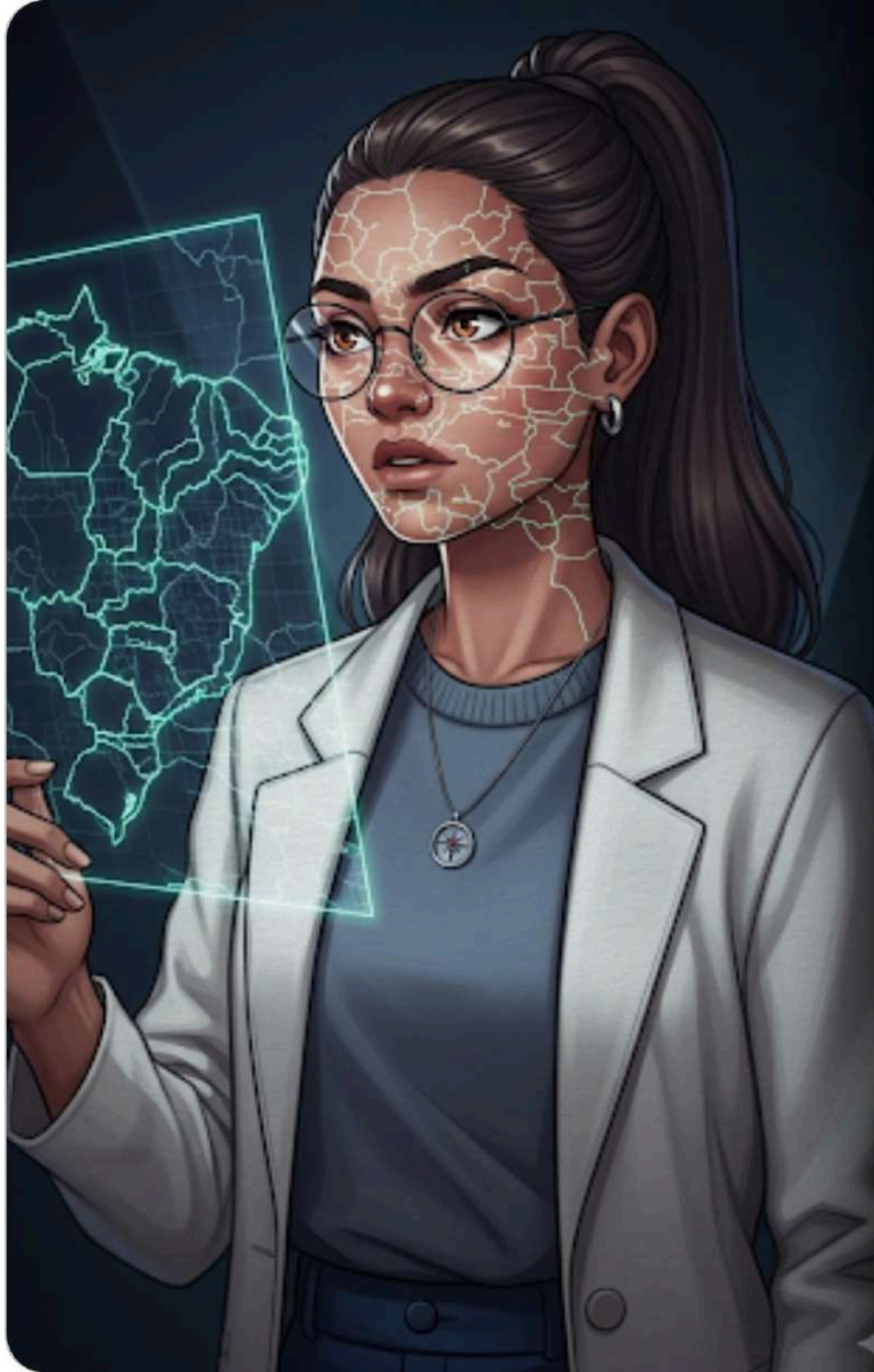
À hora marcada, uma janela pop-up abriu no notebook de Elias. Era Pangeia. A voz, robótica e distorcida, ressoava: "As linhas são as memórias do poder. Eu mostro as que foram apagadas." Na tela, um mapa do Brasil do século XVI, cortado pela Linha de Tordesilhas, surgiu como um fantasma digital.





Pangeia ativou a projeção: "Observem como o Brasil 'cresce' no mapa." A Linha de Tordesilhas se dissolveu, dando lugar a novos limites impostos por bandeirantes e tratados como Madri (1750). "Cada novo limite é um novo conflito: um rio tomado, uma serra invadida, um povo subjugado. A organização administrativa apenas chancela esse avanço."





Luna parou a simulação. "E as linhas de quem já estava aqui?" Pangeia respondeu, e o mapa mudou. As áreas coloridas dos colonizadores ficaram transparentes, revelando sobre elas, em cor vibrante, a teia complexa de territórios tradicionais e rotas de migração de povos originários. O mapa oficial escondia um Brasil profundo e resiliente.





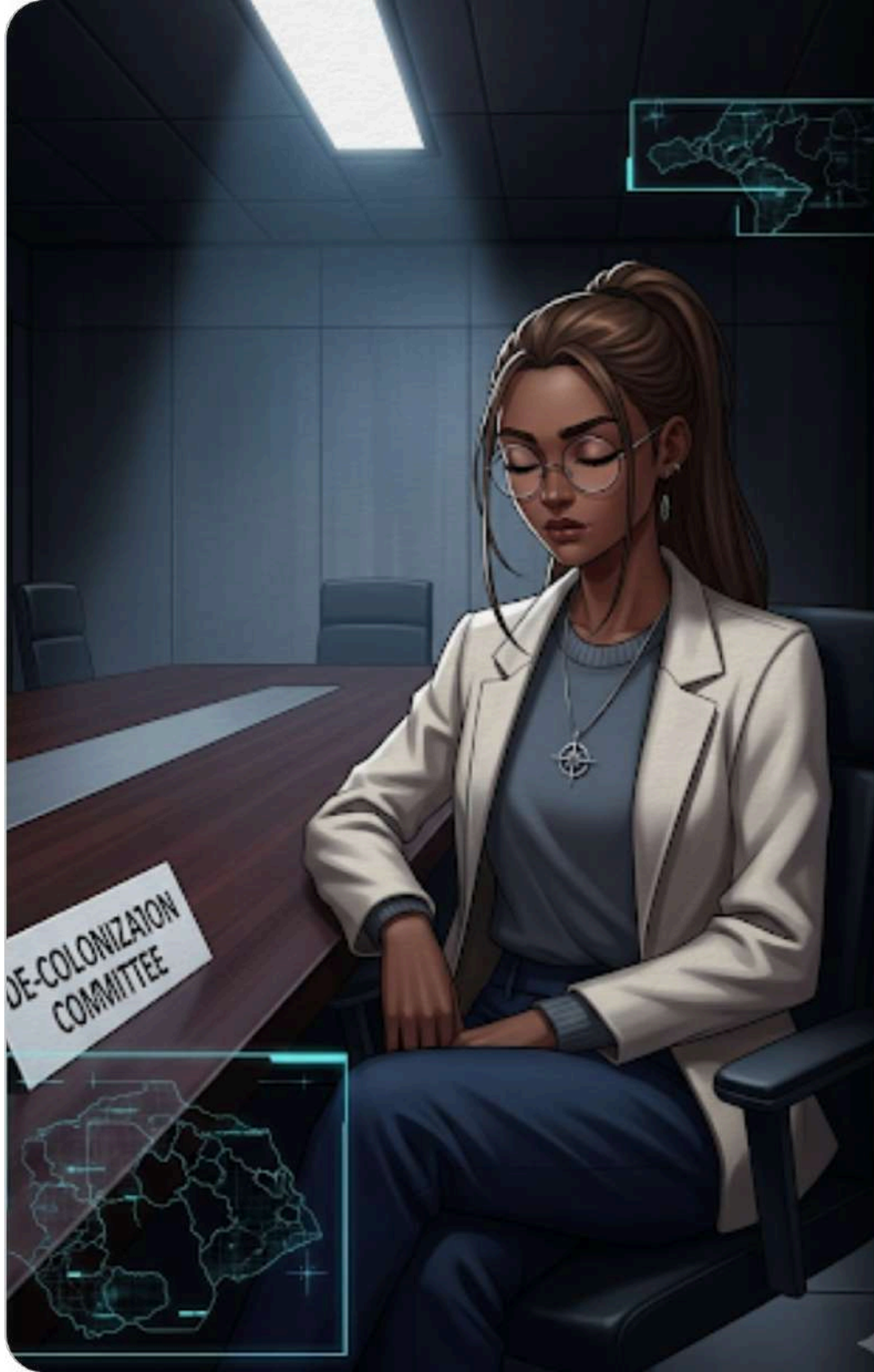
Pangeia avançou para o século XX e o tempo presente. "Os conflitos territoriais modernos são os ecos das disputas coloniais." No mapa, as fronteiras municipais e estaduais se superpunham a focos de disputas fundiárias em áreas de mineração, agronegócio e Unidades de Conservação. O código de cores era alarmante: vermelho puro nas áreas de conflito ativo.





Pangeia lançou o último arquivo: uma lista de documentos que provavam que uma grande corporação havia se apropriado de terras públicas na Amazônia, redefinindo limites municipais com a ajuda de políticos locais. "As linhas não são neutras," sibilou Pangeia. "Elas revelam quem controla, quem pertence e quem resiste. Agora, vocês têm a verdade. O que farão com ela?"





Na simulação da ONU, o voto se aproximava. Luna, Elias e Marina tinham que decidir: apoiar a "legalidade" das fronteiras político-administrativas atuais ou defender o "direito" histórico e cultural dos povos originários e das comunidades tradicionais, expondo o esquema. Um silêncio pesado caiu sobre a mesa. O dilema ético da terra pairava no ar: quem tem o direito sobre a terra?





O voto foi dado.
Independentemente do
resultado oficial, eles sabiam a
verdade. A luta para demarcar
o que é justo nunca termina. O
mapa na tela se apagou, mas o
que eles viram era inesquecível.
Luna olhou para a frente e
soube: as fronteiras são feitas
para serem cruzadas e
reescritas. A verdade era a
primeira Linha Invisível a ser
traçada no futuro.

